



Joel Neto
www.joelneto.com

Notas contra o pessimismo Apesar da pandemia

... a natureza segue o seu curso, indiferente em lugares como este em que vivo e até exultante em lugares até há poucos meses sob o manto de poluição com que a industrialização desvairada sufocou tantas grandes cidades.

Ontem estive a tratar do meu jardim, como sempre aos domingos. Mesmo em dias de chuva, como foi o caso – felizmente daquelas com vento norte, portanto às malhas, como se diz aqui na Terceira –, nem me apetece dormir aos domingos: desperto, levanto-me de um salto, agasalho-me com roupa de combate, tomo um pequeno-almoço reforçado e saio para o jardim.

Está cada vez maior, este espaço. Entre as varandas, o jardim, o pomar e o prolongamento de ambos encosta acima, devo ter agora talvez um alqueire tratado a pente fino. A cada domingo, tenho tanto que fazer que só volto quando o sol se põe, cheio de fome e de sede. Como a hora mudou, ontem só voltei depois das 20h00 – derredado.

As íresines que plantei lá em cima, aos pés do banco altaneiro de onde passei a dizer que poderei assistir ao fim do mundo (mas não ainda, não será desta que o mundo acaba), passam por dificuldades. O solo está tão mal estruturado, depois de demasiados anos sufocado por pragas diversas, que a própria água tem dificuldade em infiltrar-se. Ainda por cima as covetas de retenção que refaço a cada passagem estão tapadas no dia seguinte, por via da erosão natural da terra em declive.

Mas as azáleas que plantei há duas semanas pegaram bem. As gazâneas estão a pegar. O tapete inglês luta pela sobrevivência, mas pega sempre. As mimosas, os gerânios, as beladonas, os aloés – tudo isso que multipliquei nos últimos meses, e com que comecei agora a ajardinar o último recanto conquistado ao baldio, começa a ficar até viçoso.

Fiquei tão contente por vê-lo confirmado que me apressei a fazer estacas de outras espécies ainda: begónias de vários tipos, roseiras-dos-beirais, trepadeiras diversas. Muito do que passei o Inverno a enraizar ou germinar não pegou, mas entretanto mandei vir um gel especial e estou mais confiante. Vou, pelo menos, tentar de novo.

Entretanto, transplantei os hibiscos cor-de-rosa – eu chamo-lhes origami, é o que parecem as suas flores, grandes origamis – para vasos maiores, de modo a permitir-lhes crescer antes de os expor aos elementos; reguei todos os viveiros de horticolas (tomates, alfaces, nabos, algumas flores pelo meio porque nunca resisto) que tenho à espera da consolidação da Primavera; e, finalmente, plantei as novas árvores.

Guardo sempre o mais difícil para o fim, e neste caso era evidente que se tratava do mais difícil: primeiro era preciso arrancar quatro pessegueiros ainda jovens que não resistiram ao Inverno e a um tratamento com que, mal aconselhado, lhes dei o golpe de misericórdia. Passei duas horas só a arrancar os pessegueiros. Mas, quando finalmente dei a tarefa por concluída, foi um gosto ver

as novas árvores na terra, erectas e já com as suas estacas de protecção.

Plantei duas macieiras fuji, uma laranjeira valência e uma clementeina. Substituí um abacateiro seco por um rebento de nespereira que fui buscar ao quintal do vizinho Eduíno. Ocupi o espaço deixado por uma faia-da-terra morta com um *figus* que trouxemos há oito anos de Lisboa (e que até aqui vivia dentro de casa). E ainda plantei a buganvília amarela que, enfim – enfim! –, a Teresa me arranhou.

Tentei pegar mais de cinquenta estacas de buganvília amarela, este Inverno. Com e sem gel, com e sem fertilizante, com terra boa e terra má, com talos grossos e finos, em exposição solar e à sombra – nunca funcionou. Tive mesmo de comprar uma, assumo a derrota. Mas esta manhã fui lá ver o exemplar comprado, plantado já grandinho, e ele como que me cumprimentava – vamos dar-nos bem.

Foi um domingo bom. Só tive pena de não poder pôr os cães a brincar. Estava a chover, o pomar ficara encharcado com as regas das novas árvores e, além disso, a extracção dos pessegueiros secos espalhara pela relva alguns grãos de adubo mineral, que eles haveriam de catar um a um até se intoxicarem.

Hoje, ao fim da tarde, poderão brincar. Já mo pediram umas dez vezes desde que acordei, às suas maneiras tontas, algo resignadas e infinitamente ternurentas. Merecem pelo menos meia hora suplementar de brincadeira.



Joaquim Machado

Os TSD/A e o desemprego nos Açores

1 – Cada vez que os TSD/Açores se pronunciam sobre o desemprego, logo um assessor do grupo parlamentar do Partido Socialista se encarrega de difamar o adversário, arregimentando toda a sorte de impropérios. Não podendo destruir a mensagem, mata o mensageiro. Poderá ser incumbência ou devoção. Não sendo uma coisa ou outra, então o assunto é de outro foro, que não interessa aos leitores, nem aos TSD. E não tem remédio aqui.

2 – Os TSD/Açores são uma estrutura partidária, autónoma dentro do PSD, essencialmente vocacionada para a intervenção política nos domínios do emprego, do trabalho e do sindicalismo. Vamos, por isso, ao que é verdadeiramente político, onde é possível e desejável confrontar opiniões, embora isso não agrade a todos. A intolerância pode ser tique ou sintoma de uma propensão para o autoritarismo, que em caso algum deve ser permitido, por contrário à democracia. A verdade pode custar a ouvir, mas é sempre tempo para a ela nos habituarmos. Isso é

elementar.

3 – Agora os factos.

A taxa de desemprego verificada nos Açores em 2010 foi de 6,9% e no ano passado 7,9%. É ou não é verdade que ainda não regressámos a valores inferiores aos do período que antecedeu crise?

Comparando os mesmos anos, mas no plano nacional, vemos o desemprego a baixar de 10,8% para 6,5%. É ou não é verdade?

O desemprego nos Açores é desde 2013 superior à média nacional. É ou não é verdade?

No último trimestre apurado, o primeiro de 2020, o desemprego de 7,2% registado nas nossas ilhas é o segundo mais alto de Portugal, só superado pelo Algarve, como sempre acontece nos meses de janeiro a março. Na Madeira, por exemplo, ficou-se pelos 5,6%. É ou não é verdade?

E os açorianos desempregados integrados em programas ocupacionais, de carácter temporário, são ou não três vezes mais do que em 2010? Eram, então,

1.416. O seu número subiu para mais de quatro mil no ano passado.

4 – A população empregada cresceu, entretanto? Sim. O mesmo acontecendo no país e na União Europeia.

Obviamente, nos Açores temos uma evolução de sentido favorável desde 2013. Em Portugal também e de forma muito mais acentuada. E esse é um dos nossos grandes problemas: demoramos mais tempo a baixar o desemprego do que a média do país. Tal circunstância torna-se mais grave pelo facto de termos um dos rendimentos mensais brutos mais baixos de Portugal – cerca de 800 euros – e uma elevada precariedade do emprego, isto é, de trabalho a tempo parcial e de contratos a termo certo.

5 – Os efeitos da pandemia sobre a economia vão degradar ainda mais esta dura realidade. Queer ignorar tudo isto é uma opção legítima. Legítima, mas ineficaz e irresponsável, com consequências imprevisíveis.